

NARRATIVAS
POÉTICAS DE UM
OLHAR AMAZÔNICO

JOÃO CARLOS GOMES



CHIADO
BOOKS



NARRATIVAS
POÉTICAS DE UM
OLHAR AMAZÔNICO

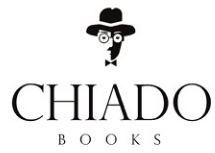
JOÃO CARLOS GOMES



CHIADO
BOOKS

COLEÇÃO

PRAZERES POÉTICOS





www.chiadobooks.com

Uma Editora para todos!

Rua de Cascais, 57, Alcântara – 1300-260 Lisboa, Portugal

Conjunto Nacional, cj. 205 e 206, Avenida Paulista 2073,
Edifício Horsa 1, CEP 01311-300 São Paulo, Brasil

Todos os direitos estão reservados e protegidos por lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da Chiado Books, poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma.

Obra disponível para venda corporativa e/ou personalizada. Para mais informações contacte: comercial@chiadobooks.com

Para informações sobre envio de originais contacte: originais@chiadobooks.com

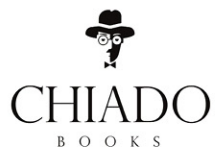
© 2020, João Carlos Gomes e Chiado Books
E-mail: geral@chiadobooks.com

Título: Narrativas poéticas de um olhar amazónico
Editor: Vitória Scritori
Composição gráfica: VS | Capa: Isa Afonso
Revisão: João Carlos Gomes

1.ª edição: Setembro, 2020
ISBN: 978-989-52-8447-4

joão carlos gomes

narrativas poéticas
de um olhar amazônico



Portugal | Brasil | Angola | Cabo Verde

PREFÁCIO

Olhares poéticos de um Guató

Marinaldo Custódio¹

Que o João Carlos Gomes - autoproclamado João Guató² - sempre foi dono, e senhor, de olhares personalizados, personalíssimos sobre a nossa gente, em seus multifacetados costumes e jeitos de viver, eu já sabia há tempos. Desde, pelo menos, a virada para o terceiro milênio que o conheço; primeiro, ao que me lembre, na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) – ele, então, na simples condição de mais um dos tantos e tantas que gravitavam em torno da Banca do Sodré, no saguão do primeiro piso do Instituto de Linguagens (IL), aquele mágico “tapete voador” de tão gratas e dilacerantes lembranças.

Nesta introdução, um parêntese se faz necessário, e justamente para falar um pouco mais de Antônio Sodré, *O poeta da transmutação*³, e de sua banca na Universidade. Trata-se de um lugar icônico, no IL, que funcionou do início dos anos 1980 até fevereiro de 2011, quando o poeta morreu precocemente pouco depois de completar 50 anos. Ali o seu peculiaríssimo dono comprava, trocava e vendia – à vista ou “a perder de vista”, conforme ele dizia brincando, mas era sério, demasiado sério!... Comprava, vendia e trocava livros, discos de vinil, CDs e DVDs, revistas, gibis, cartões poéticos, até jornais marginais ou edições históricas da grande imprensa e, nas horas vagas, tocava flauta, jogava xadrez, paciência e... muita, muita conversa fora. Muita conversa boa, de literatura rica e barata e, como diria Raul Seixas, de “filosofias, políticas e lutas”.

João me contou que eles foram grandes amigos na militância acadêmica, política e comunitária, com o poeta sendo o responsável pela filiação dele ao PT na década de 80, quando Sodré era secretário do partido e cuidava de um bazar chamado *oPTei*, no qual vendia broches, boinas, camisetas e livros de trotskistas publicados por editoras alternativas. Além disso, foram vizinhos no bairro Pedregal, em Cuiabá, sendo também parceiros em um grupo de estudos que se reunia semanalmente para discutir um projeto alternativo para o Brasil, acreditando que outro mundo era possível.

Mas enfim, retomando após tão longa digressão, eu só não podia fazer ideia de que João Carlos Gomes trouxesse, em seu alforje, um arsenal

poético tão amplo quanto este agora apresentado aos leitores com a publicação de *narrativas amazônicas*.

Desde aqueles tempos de andanças pelo campus da UFMT, pelos bares e becos do bairro Boa Esperança e, depois, por outros espaços da capital mato-grossense e até em viagens a cidades do interior, a exemplo de Diamantino, fui percebendo, mais e mais, que o olhar do João se alicerça e se espraia tendo na temática ambiental-

-ecológica o seu grande eixo. Desse modo, quando o vi das primeiras vezes escrevendo e falando em público, foi nesse campo do conhecimento que ele transitava – e com especial desenvoltura, diga-se.

Claro que em meio a metodologias e referenciais teóricos, a olhares transversais, a menções a leituras de filosofia, sociologia, literatura e outras formas da chamada alta cultura, pude também perceber em seus escritos e em suas falas o flerte permanente com a cultura popular: do circo, do rádio, do cordel, dos locutores ambulantes de feiras, ruas e praças, do jornal impresso, das reuniões tradicionais tipo “tchá co bolo”. E daí, por consequência, passei, sim, a perceber que esse amor que ele nutre pelo elemento popular com seus infinitos saberes ancestrais (as comunidades quilombolas e caboclas, os ribeirinhos rio-acima e rio-abaixo, os cuiabanos de tchapa-e-cruz, as benzedadeiras e parteiras, os pantaneiros e os ameríndios seus irmãos de sangue e de fé), continha um inegável toque de poesia.

Mas era, ainda, poesia esparsa, incidental, deri-vada de outras searas. A famosa prosa poética, conceito tão largo e no qual tantas coisas generosamente cabem (substanciais e abstratas), feito aquela metáfora de que nos fala Gilberto Gil, com a devida advertência: “... [Por isso], não se meta a exigir do poeta / Que determine o conteúdo em sua lata / Na lata do poeta tudo-nada cabe / Pois ao poeta cabe fazer / Com que na lata venha a caber / O incabível”⁴.

Ao me enviar o material agora, já reunido e com título e tudo, João me disse, por Whatsapp, que muitos desses poemas já haviam saído em sua página no Facebook. Como não tenho acesso a essa rede social (muitas vezes tentado, nunca quis participar), não tive a vantagem de apreciá-los antes. Mas, de outro lado, creio ter agora a sorte redobrada de os encontrar por inteiro, já ordenados nas partes e na sequência idealizadas pelo autor, visando à publicação deste livro – e justo num livro que sai, também, na

modalidade do impresso, um dos objetos do mundo físico que mais amo.

O livro se subdivide em nove partes: *a metamorfose da borboleta*; *amores invisíveis*; *hermenêutica poética*; *ilusões da alma*; *amores ecológicos*; *devaneios poéticos*; *a estética do ser*; *paixões ecológicas*; *poemas pedagógicos*.

Conforme se pode ver, o autor fez a opção por escrever tudo (até nomes próprios e o título da obra) em minúsculo, um recurso que por vezes é utilizado por poetas e, em especial, por compositores da música popular. A meu ver, isso contribui para conferir ao volume um simpático ar de leveza, descontração, de coisa descolada, características tornadas muitas vezes explícitas e intencionais ao longo de suas páginas. Ocorrência encontrada, por exemplo, no poema ‘intertexto de uma alegria triste’ em que o eu-poético dialoga com ‘Alegria, alegria’, de Caetano Veloso, naquele seu propósito *flâneur* de ir pela vida “caminhando contra o vento sem lenço e sem documento”.

Aliás, mencionei, num parágrafo anterior, a paixão do autor por modalidades diversas da cultura popular, fato que se mostra evidente em todo o livro. E ele o faz, por vezes, de modo declarado; em outras, subjacente. Faz, sobretudo, por meio da intertextualidade permanente que estabelece com outras artes e meios midiáticos, buscando também, como é óbvio, a interlocução forte e ampla com o público: gosta de brincar, em seus versos, com o intertexto, sempre sedutor, do apelo à nossa memória afetiva de canções que ouvimos a vida inteira especialmente no rádio.

Só para não nos alongarmos demasiado neste tópico, além do exemplo citado de Caetano, vejamos a seguir alguns casos desse tipo de ocorrência.

Primeiro, ‘brincando’ com Cartola, de “As rosas não falam”:

as nervuras das folhas falam / mas que bobagem / elas não falam / apenas sensibilizam / um olhar poético (em ‘o surrealismo das folhas’).

E, agora, com a letra de “A lua”, de Renato Rocha, grande sucesso na interpretação do MPP-4:

(...)

você buscava registrar / os fragmentos da luz / em forma de queijo / (...) no final do dia ganhei uma borboleta / amarela / patética / (...) mente quem diz que a lua é bela! (em ‘mente quem diz que a lua é bela’)⁵.

Para um poeta, trazer para suas páginas a inter-textualidade pela leitura/interpretação de obras de outros, ainda mais quando esses outros são

referenciais poderosos da arte de poetar, é coisa sempre tentadora. E João não resiste... se deixa levar. Principalmente por Drummond:

(...)

no meio do caminho / há muitas pedras / mas as pedras não têm vida / podem ser tiradas / se não as tiramos / podemos tropeçar / na estrada do tropeço / podemos cair (em ‘o beijo da vitória’).

Conforme destaquei no início deste texto, o poeta Guató se sente à vontade, mesmo, inteiramente à solta, no seu elemento, quando está entre os seus, os nativos, os indígenas, as meninas do mato em simbiose íntima com árvores, flores, passarinhos, borboletas. Sim, os seus elementos naturais são: a correnteza e o remanso dos rios; o caminho das pedras; a estética ecológica de um pé de ipê; um/uma sabiá na laranjeira despertando com seus gorjeios homens e mulheres para os afazeres (e os prazeres) de mais um dia – “na minha aldeia / o meu despertador é uma sabiá / ela canta e encanta num ipê-

-branco / gorjeia contemplando as manhãs / em oração gorjeia a liturgia das horas” (no poema ‘despertador’).

Mas, afinal, o poeta João Carlos Gomes fala mesmo, e o tempo todo, é do ponto de vista de um eu lírico masculino. Essencialmente masculino, bem de acordo com a linhagem ancestral herdada dos trovadores medievais, dos clássicos, dos românticos, em que o poeta-homem, quando escreve, raramente abdica dessa posição de olhar e expressar o uni-verso do *seu ponto de vista*. Assim, o prêmio desejado, no fim das contas, para ele, é sempre a mulher, a flor feminina, a busca da felicidade ao lado da amada e o consequente medo da perda, da rejeição – conforme nos lembrou certa vez Jorge Mautner, a rejeição amorosa, para alguns, pode ser pior que a própria morte...

Sem pudor, fala dos seus desejos, da sua maior vontade, daquilo que pode nos completar em nossa incompletude humana:

a saudadezinha passou / ficou apenas o morninho dos lençóis / agora só tenho saudade da parte / que não me pertence / (...) isso não é um sentimento / é apenas um desejo egoísta e possessivo / dos prazeres roubados (em ‘a dialética da separação’)

Ah, os homens, as mulheres e os seus desejos! Com *narrativas amazônicas* (curiosamente, um livro de poesia com título remetendo à ideia de prosa), João Carlos Gomes, mais uma vez, não se mostra nem um pouco

egoísta nem tampouco possessivo. Vem, generosamente, repartir com a gente o seu prazer de escrever sobre as coisas e gentes de nossa terra. Vem com as armas, as flechas poéticas de que dispõe, ou inventa outras, para, com sua modesta porém sincera parte, contribuir na edificação de um mundo melhor e mais belo. E mais leve. Afinal, conforme ele mesmo expressa: “a poesia permite a gente pegar a semente das palavras” (no poema ‘devaneios’) e sair a semeá-la pelo mundo, aos quatro ventos, livremente.

Não é pouco o que reparte. Agora, é ler, degustar. Sem moderação nem parcimônia.

[1](#) Marinaldo Custódio é escritor e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

[2](#) Os Guató são um povo do Pantanal que ocupavam toda a região sudoeste do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul à Bolívia. Podiam ser encontrados nas ilhas e ao longo das margens do rio Paraguai, desde as proximidades de Cáceres até a região do Caracará, passando pelas lagoas Gaíba e Uberaba e, na direção leste, às margens do rio São Lourenço. No interior deste vasto território sua presença foi registrada desde o século XVI por viajantes e cronistas, como espanhol Alvar Núñez Cabeza de Vaca.

[3](#) Da extensa obra do poeta, vieram a lume, em vida: *Besta Poética* (livreto publicado artesanalmente nos anos 80) e *Empório Literário – Versos diversos* (Carlini & Caniato Editorial, 2005).

[4](#) “Metáfora”, de Gilberto Gil. Lançada no disco *Um Banda Um* (WEA, 1982).

[5](#) No fecho da letra original, de Renato Rocha: “(...) Depois é Lua-Nova / Mente quem diz / Que a Lua é velha / Mente quem diz!”.

apresentação

este livro foi escrito
para revelar minha alma poética
que nas travessias da vida
busquei poetizar em cada pôr do sol

este livro
foi escrito para revelar minhas narrativas poéticas
dos olhares amazônicos
este livro
foi escrito por um galardão
que fez das pedras no caminho
outros caminhos

este livro
foi escrito para registrar
minhas memórias
dos amores que vivi
e dos que gostaria de ter vivido

este livro
foi escrito para quem tem uma alma poética
e busca remover pedras do caminho
plantando amores

a metamorfose da borboleta

mente quem diz que a lua é bela

no despertar do dia
quando olhei para o céu
ela estava lá
não tive vontade
de pintar ela verde
pra você...
solta no céu
ela iluminava
a despedida
como criança
você buscava registrar
os fragmentos da luz
em forma de queijo
o escuro era o meu silêncio!
no final do dia
ganhei uma borboleta
amarela
patética
mente quem diz que a lua é bela!

as margens do rio

precisamos ser como as borboletas
ter a coragem de enfrentar as metamorfoses
da vida para sermos livres...
você tem um brilho no olhar
que algo diz
mas não sei traduzir
o que será que ele diz
a jura secreta ainda não fiz
a chuva do sonho hoje caiu
o beijo roubado
ainda não veio...
não fomos à roça
e nem atravessamos o rio
e não fomos às margens do rio
ficou apenas minha mensagem...

metamorfose

metamorfose
de uma crisálida
adormecida
rígida
de abdômen fino
alongado
em repouso dobram as asas para cima
com olhar de jacaré
ver o mundo sem pudor
à moda boto cor de rosa
adoram as coisas inúteis
das bicicletas
mas não sabem pedalar

devaneios

a poesia permite a gente pegar a semente das palavras
hoje de manhã vi duas borboletas
uma amarela e a outra preta
pousadas na beira do rio machado
fui ver o rio para destampar o meu silêncio
fiquei alguns momentos proseando com o rio
vi um toco de uma árvore que virou canoa
na proa da canoa as borboletas dialogavam
a preta enfiou uma coisa fininha
que nem tripa de lambari na borboleta amarela
as duas tremeram de amor durante segundos
depois voaram buliçosas por cima das águas
elas bailavam demonstrando vida sobre o firmamento
dialogando em silêncio com o rio e as borboletas
descobri que tenho o privilégio de não saber tudo
mas tenho um olhar que observa
o mundo em minha volta
a minha alma poética vê coisas que a maioria das pessoas não vê
por exemplo: o meu amor é azul de sentimento cor de rosa
a medida do meu amor é uma barra de silêncio
o silêncio do meu sentimento é uma solidão destampada
na leitura do mundo e da palavra
uso da imaginação para fazer a leitura do mundo
e gorjeio o meu sentimento com palavras reveladas
descobri que amo as coisas inúteis que ninguém valoriza
são os meus desconcertos de homem masculino
que me permitem ver coisas que a maioria não vê
adoro prostrar com o silêncio das pedras
faz-me destampar o silêncio com palavras
e faço travessuras e travessias com a imaginação
às vezes os verbos morrem para o mundo no meu silêncio
e vivo a paixão pelas palavras
a palavra amor

nem sempre consigo revelar do meu silêncio
então traduzo em gestos
as batidas do meu coração pulsam
e dentro de mim existem obstáculos
que são como andarilhos
não sabem que caminho seguir
então vivo como beato no silêncio de pedra
enquanto a minha borboleta não sai do casulo
vivo essa metamorfose ambulante
que gosta de gorjear o sentimento
sem rumos de um andarilho

a fuga

as borboletas
por mais que tentamos
pegá-las
elas fugiram...
quando menos esperamos
ela está ao nosso lado
se você tenta pegá-la
ela voa
podem nos fazer feliz
às vezes podem nos ferir
gememos sem sentir dor
no tempo livre voam
pureza
metamorfose
impossível
sabedoria
dos loucos
que adoram
corpos...

apócrifas

vivem à moda peixe
são puras e cheias de castidade
sugam o néctar das lamas
mas nascem perfumadas
têm dois pares de asas cobertas de escamas
apresentam formas e cores variadas
inseto lepidóptero
em repouso, permanecem enroladas
à moda sucuri
têm habilidade de voar fora da asa

borboletas de sagarana

quando lagartas
alimentam-se de brisa voraz
criam reservas alimentícias
das águas
quando crisálidas
dependuram-se em escama de peixe
com falsas pernas
de cabeça para baixo
quando a pele das asas se abre
a larva se sacode
à moda jacaré
surge uma crisálida
no tipo biguá
as adultas absorvem
o néctar das flores das lamas
sucos das frutas do crepúsculo
com cheiro e aroma de tucunaré
têm vida ínfima
duas semanas
e ainda se amam
são ecológicas
agente polinizador
de almas viventes

ecológicas

como elas são ligeiras
possuem inconstância no ar
promovem metamorfose na beira
transformação de recomeços
epifania da vida
águas do guaporé
sutileza feminina
graciosas e ligeiras
à moda tucunaré
extintas
trazem prejuízos para
jaboti
wari
macurap
canoé

noturnas

distinguem-se das traças
pelas antenas retilíneas
de hábitos noturnos
despertam na boca da noite
num arrebol de águas
para romances noturnos
mariposas noturnas

semântica das borboletas

o desinventar da roda
ela não serve mais para rodar
mas serve de cenário
para as borboletas
amarela
branca
azul
elas desejam ser olhadas
por outros ângulos
semântica das borboletas das águas

a singular tulipa amarela

a paixão pelas borboletas
adormeceu e elas foram
para o mar do esquecimento...
a vida me ensinou
o segredo é não correr atrás das borboletas...
o segredo é cuidar do jardim
a vida precisa passar
pelas silenciosas metamorfoses
não corro mais atrás das borboletas
quem tenta ajudar uma borboleta
a sair do casulo pode matá-la
há coisas que não podem ser ajudadas
borboletas não são mariposas
a sensibilidade das mariposas
é regada a tristeza e solidão
foi largada como crisálida no sol
um dia virou mariposa
bandarreando ao luar das luzes
com promessas de eternidade
onde se suicidando
que venha a singular tulipa amarela
de cálice aberto
no plácido líquido
do aroma das flores
traz doçura nos lábios
carinho e ternura
que revelam amor
ainda não experimentei
a paixão da singular tulipa amarela
se não for uma bela flor
que seja minha flor bela
se demorar a desabrochar
e ficar fechada no seu íntimo,

vou tentar mesmo assim
revelar os meus desejos

céu em chamas

entre a terra e o céu

entre a terra e o céu
pintei o sete
viajei por terras desconhecidas
corpos celestes se desfizeram
entre a terra e o céu
o nada nunca foi vazio
entre o nada e o vazio
não há vacuidades
entre a terra e o céu
há complexidade
o nada nasceu certo
mas sempre foi errado
não há culpados
entre os cegos da terra
e os olhares dos céus
há vazios de vacuidades
são terras e céus geométricos
ninguém nunca buscou saber
mas o mundo nasceu errado
o culpado evadiu-se
corações ficaram descobertos
na geometria da terra
ninguém se inclinou para ver
entre a terra e o céu
o nada será descoberto
nas nuvens as portas se fecham

epifania

o céu em chamas revela a epifania
da minha existência
as nuvens em chamas aquecem
o quente infinito
mesmo sendo tão quente
nada é tão previsível
não se nega o brilho das chamas
resplandecente no céu
sentimentos em chamas
puro
grande
em chamas
um amor que permanece
não hesita
apenas cresce
as chamas
como estrela
têm luz própria
devoção talvez imprópria
o sol arde
e terá fim
escurecerá o céu em chamas
sua chama é calor
deslumbrante é seu fulgor
não haverá de faltar
nunca vão se apagar as chamas
ao contrário do astro-rei
sua eternidade é o fogo
a maior declaração de amor
o céu em chamas
epifania da minha existência

vazio de nuvens

fachos de nuvens no céu
revelam pedacinhos da alma
pela janela pedacinhos de nuvens passam

o vento toca a brisa dos amores que vêm e vão
pedacinhos das nuvens gorjeiam lembranças
ruídos comunicam o vazio da alma
e o silêncio do céu revela a minha existência

falta um pedacinho de nuvem
da janela o vento me chama
para a existência do meu vazio

chamas do coração

como é difícil sustentar o nosso impossível
nas chamas do meu coração
esse amor que me anima
mas me falta nos momentos
que mais preciso
só resta a esperança
que a força do tempo
pode apagar
eu não sou nada
mas carrego comigo
os sonhos utópicos
de viver um grande amor

o arco-íris

o arco-íris é apenas um vento
que leva nossos sonhos
reflexos da água
sobre o sol
a cada passo
uma flor
a cada movimento
um pássaro

luz neon

com habilidade pedagógica
você acendeu
a chama do meu coração
me fez compreender
que não posso viver
sem a sua luz
com o coração iluminado
cheio de luzes
coloridas
chamativas
brilhantes
neon
cuidarei
para que a chama permaneça acesa
acesa
com a maturidade da complexidade
o desafio agora é iluminar a sua chama
para que o amor venha
acendendo essa chama
que não se apaga
luz neon que virou fumaça

o vazio de nuvens

fachos de nuvens no céu
revelam pedacinhos da alma
nuvens passam
pela janela da alma
o vento toca a brisa
dos amores que vêm e vão
pedacinhos das nuvens
gorjeiam lembranças
ruídos comunicam
o vazio da alma
o silêncio do céu revela
a minha existência
há muitas existências no silêncio
falta um pedacinho de nuvem
da janela o vento me chama
para a existência
do meu vazio

amores invisíveis

parte que não lhe pertence

os amores invisíveis
me deixam confundido
com sentimentos das coisas tangíveis
tornando sensível a voz do coração
o sentimento ilhado
o coração meio perdido
querendo se revelar
eu e ti perdemos
tu e eu ficamos ilhados
com as pedras do caminho amordaçadas
amores invisíveis
são amores perdidos
encontrados no tempo devido
não descobertos no tempo indevido
amores invisíveis...
são para os fortes
precisa ter peito de remador
saco de papai noel
paciência de jó
poucos conseguem integrar-se a outra vida
sem registrar no pensamento os desejos invisíveis,
guardados dos silêncios dos momentos vividos
amores invisíveis
constroem história
que não se perde pelo caminho
são apenas pensamentos ilhados
que deixam o teu corpo intacto
e a tua pessoa inviolável
são sentimentos amordaçados
da parte de um prazer
que não te pertence...
os amores invisíveis
não causam medo de amar,

de sofrer,
de se ferir...
fazem parte da vida
daqueles que ainda precisam crescer
amores invisíveis são invioláveis
na forma de pensar,
de agir,
de sentir e viver
sempre existirão vazios
que precisam preencher
vazios inexplicáveis
da parte que não lhe pertence

faça poema de amor

estou cansado do puritanismo
de relações bem-comportadas
de acordar às seis da manhã
estou cansado de verificar que horas são
de cunho vernáculo de um vocábulo
de regras gramaticais
estou cansado de palavras vazias
de amor puro
de carinho sem excitação
quero as loucuras da vida
como poema romântico
sem as sintaxes de exceção
de ritmos inumeráveis
quero fazer poemas de amor
aberto
rasgado
solto
louco
quero poemas de amor
no café da manhã para despertar
no almoço para relaxar
à noite para dormir
façamos poemas de amor
secos
molhados
perfumados

vazio de amores

seria tudo perfeito
se fosse assim
vazio de amores
que se foram
sem se despedir
só que o mundo
não é perfeito
a vida tem
altos
e baixos...
os caminhos têm
curvas
pontes
lombadas
buracos
no bioma do amor
as lágrimas
das cores
despertam
olhares
no vazio
um monte de coisas
cabe
mas nenhuma se encaixa
as lágrimas de cores deslizam
num seco pranto
que inunda
os vazios deixados
a hora que eu choro
um choro triste
de mundo vazio
de amores...

abandono

ontem foi um dia atípico
precisava muito de alguém ao meu lado
busquei várias vezes atrair sua atenção
mas você estava focada apenas no seu trabalho
não consegui me dar atenção
a falta de afeto e carinho das pessoas
diante dos dramas da vida
causa dores profundas
não partilhei com ninguém
minhas dores
fiz gestão das demandas do trabalho,
apareceram problemas familiares
que exigiram atenção
cuidei de tudo
mas faltou o essencial
cuidar de mim
aprendi a buscar em você carinhos e cuidados
acreditando que o nosso amor é abençoado
há em mim carências, falhas e erros
sou humano
verdadeiro nos sentimentos
mas cansado de clamar pelos seus carinhos e cuidados
você entrou em minha vida
prometendo muito
agora por uma simples falta de atenção
você me abandonou

amor invertido

eu te amei antes de conhecer
depois que te conheci apaixonei-me
o amor é assim
inverte os sentimentos

segredo

fui um apaixonado
há muito tempo em segredo
com o tempo
o segredo foi revelado
com a revelação
os sonhos foram alimentados
os sonhos ficaram sobrenaturais
hoje tenho medo
de viver sem você
você tornou-se a deusa da minha existência
acabou o segredo

inúteis valores

os homens inúteis
não têm coragem de perguntar
de que valem as árvores
as casas
a chuva
o silêncio
de que vale
o pensamento humano
esforçado e vencido
pelo tempo
de que valem
as conversas apenas sussurradas
na ternura dos delicados movimentos do tempo
de que valem as pálpebras
da tímida esperança,
orvalhadas
no jardim da vida
o sangue e a lágrima
são pequenos cristais sutis
no profundo diagrama do corpo
o homem
tão inutilmente
pensante e pensado
só tem o silêncio
do tempo

hermenêutica poética

a existência do nada

tenho em mim uma motivação poética
que tenta resolver em versos
problemas invisíveis
são angústias,
incompreensão
transgressões do mundo.
eu e tu
não somos + um
vivemos desconexos
a minha fé é como um grão
vive ancorada num deus
que nem tudo pode
há momentos de abandono
há um vazio dentro de mim
ausência das orações
ando meio sem fé
nem sozinho
consigo falar com deus
escrever
tem sido mais prazeroso
que orar
aliviar as dores do mundo.
a poesia
tem sido a religião
sem esperança
a poesia
é a arte de materializar sombras
e dar existência ao nada

amanhã a deus pertence

o tempo de deus é profético
fé, esperança e amor
o nosso tempo é limitado
ele passa depressa
quase não percebemos
o tempo que passa dentro de mim é...
demorado
alterado
telúrico
ora triste
ora feliz
ora melancólico
onde se diz
eterno tempo
que cura tudo
que tudo lembra
o tempo
que passa
que enlaça
em lembranças
demoradas
o ontem
o hoje
um só momento
como não há certeza no amanhã
quero viver o hoje
amanhã a deus pertence

comunhão com o verbo

hoje é domingo
dia de comunhão
com o verbo
e o verbo se faz carne
nasceu de um gesto
em cada gesto um preceito
não há reflexão
não se pensa
somos tomados pelo verbo
o verbo revela imagens
que não existem
são cantilenas sem música
frases unidas por palavras
com o verbo se faz palavras
palavras que formam linhas
linhas que se tornam versos
depois formam frases
frases que se juntam
e se ajustam
em busca de sentido
ganham um sentido poético
criam ritmo em forma de poema
ganham significados
torna-se filosofia
dar conselhos de vida
lemos com desconfiança
mas o verbo se faz carne
torna-se ciência teológica
revela preceitos do universo
dar recados éticos
propõe uma forma de vida
amar o próximo como a ti mesmo
o verbo é revelado

com apenas um gesto
que amemos uns aos outros

palavras

palavras do coração
sem você a vida parece
o horizonte além de mim
o tempo não varrerá os raios do sol
o amor faz parte desta brisa
de tudo que nos revelaram
as palavras vindas do coração

poética da alma

às vezes as pessoas que amo
deixam-me cheio de perguntas
às vezes acho que estou dando tanto amor
sem restituição
às vezes penso que não pode haver amor
sem restituição
a paga é certa
de uma forma ou de outra
amei ardentemente
e meus amores foram como folhas secas
jogadas ao vento
mas foi daí que tirei estes versos
que revelam o poeta do corpo
e o poeta da alma
*inspirado em walt whitman

arrependimento

arrependimentos nos levam a reflexões
por não ter ficado mais perto dos pais
por não ter trabalhado menos
viajado mais...
por não ter estudado para ter uma vida
mais confortável
por não ter preservado as amizades
como gostaria
arrependimentos
nascimentos
acontecem de diversas formas

a comunhão da vida

o mundo feminino é sensível à solidão
o mundo masculino não tolera a solidão
solidão para os homens leva à desilusão
na gênese da concepção humana
o destino é passar por um canal apertado e vazio
depois se vive um estado de espera angustiosa
o óvulo gestação das mulheres
a sua origem é solidária
travessia de um canal
os espermatozoides gestação masculina
resultado de fervor e ardor
um vulcão em erupção
a ereção causa uma maratona de seres vivos
milhões são lançados ao mundo numa disputa
todos precisam alcançar o primeiro lugar
mas apenas um é o vencedor
o prêmio de quem chega depois é a morte
é como um jogo de futebol:
todos em campo
mas um só entra
apenas um
*hipertexto inspirado no pensamento teológico de rubem alves

a esperança verde

a esperança é um inseto verde
o amor é rosa
o ciúme é vermelho
gosto das cores
das folhas
dos pássaros
dos insetos verdes
gosto de observar
a beleza da vida
da estética das folhas
das cores dos insetos
a esperança é verde
a manhã é azul
a tarde é amarela
a noite é verde nos olhos de um inseto
se o verde é esperança
por que as florestas estão acabando?

epifania do tuiuiú

tuiuiú com asas desabertas nos abençoa
à moda ave profana e bela
desvendar a epifania da criação
desver o mundo desumano
é abençoado
pela inocência das águas
em silêncio gorjeia sem palavras
à moda jacaré-de-papo-amarelo
nos tira da ignorância das percepções
arranca-nos do silêncio do chão
e nos leva a devaneios com a imaginação
de manhã bem cedo
fecunda no silêncio das águas
mas nasce das copas das árvores
tem alma preta e branca no pescoço
e voo vermelho no azul do céu
plumagens brancas à moda garça
quando alcança a beira do rio
rega árvore com peixe no bico
tem um olhar soberbo
e profano
possui uma elegância destampada
tem asas desabertas
ar de liberdade
adora pousar nas costas do rio
sem frescura, tem ar de solidão
na encosta da noite
gorjeia o silêncio
no arrebol encosta o bico no sol
fecunda com as manhãs

a cultura do encontro

é pecado mortal a falta de gratidão
na alma ingrata falta o reconhecimento
sua qualidade é o desprezo
os infelizes são ingratos de formação
falta a eles o dom do amor
possuem uma alma soberba
a ingratidão é como mordida de serpente
contamina o amor da gente
o lado bom fica mau
filho ingrato é doloroso
machuca o coração
a infelicidade deles
fere corações
mulher ingrata
tem a sensibilidade de pedra
são duras
não sabem amar
a ingratidão é uma fraqueza
da falta de amor
é um direito
de quem falta um pedaço
a ingratidão é o certificado
da escola dos fracos
que desprezam hoje quem lhes beneficiou ontem
a ingratidão é um pecado mortal
daqueles que não sabem amar o próximo como a si mesmo
falta-lhes a cultura do encontro
eu + tu = nós

o prazer e o signo

o prazer é a revelação da beleza
é construído de momentos arrebatadores
porque ninguém espera
acontece
o prazer não é verbal
no prazer
verbo perde o significado
no prazer o verbo não satisfaz
é preciso muito aprendizado
com terapias
que revelam as linguagens do corpo
o verbo é só mais uma coisa na vida
só mais uma maneira de ser
é preciso muito aprendizado
para alcançar o prazer no verbo
quando amamos
nos tornamos seres verbais
precisamos de palavras para nos revelar
no momento do prazer
perdemos os verbos
revelamos signos

o silêncio de deus

no meu deserto fui ao monte horeb
na sarça não havia fogo ardente
mas fui ao encontro de deus
encontrei apenas silêncio no chão sagrado
o velho homem foi abandonado no egito
com a promessa da herança no coração
quero a terra que jorra leite e mel
não importa os gigantes
como calebe não há medo
ao egito nunca mais
mesmo que haja silêncio no horeb
seguirei a minha busca...
não importa que a figueira não dê fruto
e as vacas de basã atormentem israel
as flores que se abrem murcham
e a sombra não permanece no mesmo lugar
há silêncio no chão sagrado
mas ainda há esperança
árvore cortada brota
ramos não faltarão
uma árvore envelhece
suas raízes podem até morrer
mas ao cheiro da água rebrotará
e haverá novas folhas
o silêncio do horeb causa inquietações
mas não importa que a videira não dê fruto
que a sarça não esteja em chama
que o coração e a mente estejam em desacordo
para o egito não volto mais
sou herdeiro da promessa
no silêncio me alegrarei

o sonho do mundo

às vezes o mundo fica tão insignificante
e como se perdêssemos o som
o tempo para
tudo perde sentido
neste mundo
não basta saber amar
também temos que relativizar
os sentimentos de amor e ódio
não é apenas servir a paz
mas também ir para a guerra
o mundo é imperfeito
nossa!
estava dormindo
tudo não passa de um súbito sonho
acordei
estava sonhando com o mundo
que estão construindo pra gente

o vazio do silêncio

no silêncio da noite um vazio
invade minha alma.
sinto-me sozinho
entre as coisas presentes,
o desconhecimento tira-me o sossego
não há felicidade
uma lua no céu fica me espiando pela janela
fico desamparado com o olhar da lua
olho as coisas em torno de mim
vejo a vida congelada
tudo perde o sentido
o desconhecimento me rodeia
vagueia em mim
fico perdido sozinho
tudo é deserto
como terra seca
que precisa de água
o silêncio declara o abandono
espio pela janela
vejo a lua se escondendo numa nuvem escura
minha inquietação torna-se um êxtase de solidão
não penso no amanhã
como é estranho
me perco nos meus devaneios

leveza espiritual

orações e poemas imagéticos
são formas de contemplação
as palavras pronunciam
no silêncio
a partir do silêncio
o silêncio nos fala
revela a voz de deus
a diferença é que os poetas
não precisam de religião
os assombros deste mundo
são-lhes suficientes
as imagens põem oração
em nosso olhar
no silêncio imagético
falamos com deus
e ele sorri da nossa leveza
espiritual
como deus é leve
no princípio se fez verbo
suave e sorridente

estética do belo

há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem
algumas são cegas para ver as árvores floridas
não basta abrir a janela para ver o sol
o ato de ver não é uma coisa natural
precisa ser revelado
a primeira tarefa do olhar
é desabrochar a beleza do mundo
Observando as entranhas do mundo
tive a percepção que tem gente
que tem o olhar torto
só agora que descobri
que se reparasse há mais tempo
não amava quem amei
Hoje pela manhã
ao abrir a janela na horizontal
vi um ipê-branco florido
Ele desabrochou o meu olhar
devolveu as minhas pétalas poéticas
meu mundo floriu
a alma poética transcende o olhar
a árvore que o poeta visualiza
não é a mesma que o tolo vê
quando vejo os ipês-brancos floridos
meu olhar desnuda a visão
é epifania do belo
meus olhos desnudaram
abriram para a estética do belo
posso ver até a bunda do vento

perfil rizomático

no silêncio da noite
minha alegria é triste
as minhas emoções
são cheias de curiosidades
os desejos brotam rizomáticos
de forma horizontal aprendo
entrego-me às experiências da alma
não tenho medo das diferenças
entre os rizomas não há prejuízo
aprendo a me conhecer melhor.
nos movimentos da desterritorialização
os rizomáticos não abandonam seu território
para ocupar outros territórios
conectam-se sempre aos novos territórios
nas entranhas dos perfumes e formas
construo o meu perfil
de amante da complexidade

a voz da esperança

nesse momento de silêncio
a água afunda a voz
coloco no peito a esperança
a tristeza adormecida
a alma poética divagando
na voz silenciada
não tenho nada
não quero nada
nada busco nada
não espero nada
um sabiá na laranjeira
gorjeia com esperança
na madrugada vazia
a voz canta aberta
revelando concerto de ave
gorjeios com notas de esperança

amor e ódio

existe um tipo de amor
que é uma mistura
de amor e ódio
carrega sementes
do prazer que gera afetos
germina ódio que gera rancor
é soberano
absoluto
vidas humanas
germina um deus
que pode tornar-se
um pandemônio

o inferno

no inferno
o amor
é infernal
característica comum
dos habitantes do inferno
no amor infernal
os demônios sugam a liberdade
um ser mais fraco
é sugado pelo mais forte
um dos males do mundo
é o grande número de amores
amor irrestrito
manda almas para o inferno
mais que as doenças da alma

possibilidades

amor puro
não alimenta egoísmo
é divino
é eterno
é restaurador
não é alimentado por dúvidas
depende de que se ama
e como se ama
regado de possibilidades...

o axioma do inferno

na filosofia do inferno
não tem curvas e nem retas
o axioma de uma coisa
não é outra coisa
um ser
não é outro ser
o meu bem
é meu bem
o seu bem
é o seu ser
o que um ganha
o outro perde.
na absorção de um objeto
há um sujeito
na transgressão da absorção
há uma comunhão
entre o sujeito e o objeto
a absorção toma forma
alimenta-nos de fenômenos
que são demônios da alma
que sugam as nossas vontades
a filosofia do inferno
revela axioma
de uma coisa
que pode ser outra
coisa

ilusões da alma

a parte no todo

a vida acadêmica nos impõe limites e restrições.
com sabedoria resolvemos acatar
os limites e as restrições nos protegem de nós mesmos
vivemos uma vida de sedução e criação
é uma vida que não se presta a receitas e manuais de autoajuda
é uma vida contemplativa sem necessidade de mosteiro
vivemos uma solidão acadêmica em busca da curiosidade
é uma vocação que nos sustenta
sem a necessidade de títulos e remuneração
títulos e remuneração movem a vaidade dos tolos
é uma vida que não é escolhida
e descoberta por nós
ouve-se um chamado
não sabemos de onde
somos movidos pela curiosidade
gostamos das rotinas das aulas
dos contatos com os alunos
dos seminários e das intrigas acadêmicas
repugnamos o masoquismo de ideias
a paixão pelo saber é soberana
desabrocha em cada amanhecer
uma força poderosa incita a busca
pelos obstáculos epistemológicos
a via do universal é rompida cartesianamente
o gosto pelas partes satisfaz o imperativo do todo
os mecanismos de buscas são híbridos e complexos
não há mais verdades absolutas nas teias da vida
se houver, é loucura da alma dos bobos da corte
a curiosidade está para o conhecimento
como a libido para o sexo
o conhecimento é revelado pelo prazer
masturbamo-nos com as incertezas íntimas
entre livros e ideias

não há eu sem o tu
eu e tu somos um
e o fim do objeto
agora há apenas a epifania dos sujeitos
não contamos mais o tempo
somos movidos pelos desejos das inquietudes
temos um olhar que move as janelas da alma
não confiamos mais apenas nas palavras
acreditamos na aprendizagem pelos erros
cada de nós traz consigo um conjunto de crenças espontâneas
que geram a curiosidade que busca compreender as partes no todo

o verbo e o signo

o prazer é a revelação da beleza
é construído de momentos arrebatadores
porque ninguém espera
é uma eclosão do prazer
o prazer não é verbal
no prazer
verbo perde o significado
no prazer o verbo não satisfaz
é preciso a revelação do verbo
da semiótica aplicada
para revelar a fenomenologia do corpo.
o verbo é só mais uma coisa na vida
só mais uma maneira de ser
é preciso muito aprendizado
para revelar o prazer oculto no verbo
quando amamos nos tornamos seres complexos e sistêmicos
as partes e o todo revelam átomos quânticos
não é preciso as palavras para revelar os signos
nos momentos de prazer
perdemos os verbos
revelamos os signos
dinâmicos e imediatos
uno e múltiplo,
revelação dos sujeitos coletivos
eclosão dos ícones e símbolos

a alma do lugar

escalei o morro do chico mendes em ouro preto
no topo encontrei árvores de várias espécies
uma pequena floresta
trouxe-me boas recordações
no mirante do morro
havia um bosque sem nome e nem vizinhos
no lugar só havia pássaros e árvores
borboletas bailavam nas costas do morro
na profundidade de campo
era só distância
ouro preto do oeste é só fuligem
era uma distância
de uma coisa bela
que nos remetia ao paraíso
subi mais um 'bocadinho' do morro
encontrei uma casa
havia uma enorme antena
no topo do morro
havia um campo verde
não havia cavalos e nem bois
havia apenas pessoas bonitas e feias
contemplando a alma do lugar

dia triste

hoje foi um dia triste
não sei de onde vem essa tristeza
nem o pôr do sol trouxe de volta a alegria
quem sabe é a mudança dos ventos,
que ora nos traz as brisas das esperanças acalentadas
ora nos traz uma tempestade de incertezas vividas
uma brisa de leve sopra o meu rosto
mas não vem pra ficar, vai embora.
a brisa suave faz as folhas da palmeira balançar
o vento sopra, mas não assobia.
o sol segue o seu destino.
a tarde vai morrendo aos poucos
apenas um casal de araras vermelhas dialoga em língua tonal.
o céu vai ficando escuro
as nuvens vão passando de mansinho
aos poucos vai se mostrando o outro lado do dia
uma fina chuva vai chegando devagarinho
as gotículas da chuva vão revelando
que a distância faz ao amor
aquilo que o vento faz ao fogo
apaga o pequeno,
inflama o grande.
esse mesmo vento que às vezes tira
algo que amamos
é o mesmo que traz algo que
aprendemos a amar
hoje foi um dia triste
não sei de onde vem essa tristeza

lobo em silêncio

eu tinha um sonho
com a lua, mas foi extraviado.
como a vida me ensinou
a não chorar, decidi esperar
descobri que o voo
da lua não é tão longo
a maior distância
está dentro de nós
o meu dia vai chegar
o tempo não sabe
existem noites
em que os lobos
ficam em silêncio

a dialética da separação

a saudadezinha passou
ficou apenas o morninho dos lençóis
agora só tenho saudade da parte
que não me pertence
isso não é um sentimento
é apenas um desejo egoísta e possessivo
dos prazeres roubados
não tenho mais fome de ausência
passou com a presença dela
absorveu-me todo
eu e ela tornamo-nos
amor é
a metamorfose da alegria do encontro
e a dialética da separação
neste espaço de graça
ficamos esperando o regresso
porque amar não é possuir
aparece quando quer
só nos resta esperar
voltar a acontecer
a metamorfose do encontro
dialética da separação

a velha opinião

não entendo e nem quero entender as velhas opiniões
o mundo material me deixa perplexo,
com seus planetas e seres
definir-me é muito difícil
às vezes pareço um
às vezes, singular

animalizo-me

sempre criei caninos
animalizo-me com eles
converso com eles como se fossem gente
empresto-lhes suas próprias características
não é difícil, entrego-me nesta relação
criar animais é uma experiência vital
quem recusa a visão de um bicho
está com medo de si próprio
eles revelam a nossa ancestralidade
eles têm os mesmos instintos nossos
embora mais livres e indomáveis
em nossos diálogos
o sorriso é transmitido pelo olhar
os olhos ficam mais brilhantes quando brincamos
a boca fica entreaberta
o rabo abana com sinal de alegria
e as orelhas manifestam atenção
nas minhas dezenas de anos vividos
nenhum ser humano me deu a sensação
de ser totalmente amado
como fui amado sem restrição pelos caninos
quando estou com eles
não sei quem é o animal
se e eu ou o bicho
animalizo-me

antropofagia acadêmica

a vida acadêmica nos leva a viver a experiência da solidão
a solidão e o sofrimento nos fazem sensíveis à voz dos poetas
tem hora que temos que nos esconder atrás do silêncio.

mas ninguém se iluda:

para produzir é preciso transubstanciar

leiam

comam

bebam

as experiências acadêmicas são antropofágicas

é preciso devorar autores,

na esperança de ser alimentado

pelos saberes e conhecimentos

a experiência acadêmica também é pura magia

precisamos escrever para tocar a alma das pessoas.

assim como a música

o vento

a brisa

tocam a alma

amores ecológicos

sentimento de posse

as linhas curvas do teu corpo causam desejos
as curvas e retas da sua existência são invioláveis
quero apenas a parte que não lhe pertence
um sentimento de posse
toma conta dos meus desejos
não quero o todo
apenas a parte que não lhe pertence
o teu corpo é inviolável
os desejos da carne não
são frágeis
quero apenas a parte que não lhe pertence
não seja egoísta
divida comigo
apenas a parte
que não lhe pertence

o gorjear do silêncio

o silêncio revela janeiro
o tempo não passa
apenas revela
sintomas de uma noite vazia
o silêncio vazio
revela os vazios
de uma noite de insônia
uma fina garoa rompe o silêncio
as gotas finas que chegam
batendo na vidraça
quebrando o silêncio
as gotas que surram a vidraça
quebram o silêncio que existe dentro de mim
revelando a saudade adormecida no peito
as gotas que batem na vidraça
descem escorrendo
como gotas da alma
no mar de dentro
o meu coração pulsa
no ritmo das gotas que
surram a janela
o silêncio palpita no lado esquerdo do peito
revelando o meu estado de firmamento
uma fina dor passa pelas artérias
um sabiá num voo rasante
pousa na janela rompendo o silêncio
que dói em cima do peito
num movimento pneumático
o sabiá quebra o silêncio...
de peito estufado gorjeia
impressionando o meu
silêncio
minha alma gorjeia

com a esperança do sabiá

aprendendo a ser só

o meu mundo não é como o dos outros
quero sempre mais
exijo mais de mim
há em mim sede de conhecimento
essa sede é constante
não passa nunca
minha alma é intensa
violenta jamais
atormetada
nunca
apenas uma alma
que não que aceita as dores do mundo
tenho uma saudade constante
não vivo sozinha porque gosto
porque aprendi a ser só

clamor

nem sempre as pétalas são rosa
os vestígios do silêncio presente
são pétalas caídas de um jambeiro
jambeiro em erupção
revela tudo que já foi dito
mas não revela aquilo que foi sentido
as pétalas trazem lembranças
segredos quase perfeitos
construídos no clamor
de um pé de jambo em floração

pétalas da solidão

está faltando tempo pra gente conversar.
ontem quando recebi a sua mensagem já estava dormindo.
acordei com o toque da mensagem do celular
li e na hora perdi o sono
antes de dormir havia pensado em você.
o meu eu perguntava por você
no silêncio da noite você reapareceu
em forma de mensagem
por fibras ópticas
pela manhã surgiu
no despertar das manhãs
confessou que havia recebido uma mensagem
e resolveu partilhar entre eu e tu

descobriu que a mensagem não era minha, é sua.
você apenas partilhou entre tu e eu
resolvi devolvê-la com uma provocação
ao seu duro coração
os corações duros parecem que são de pedra
mas os corações de pedra também se quebram
a razão que desconhece a razão
não tenho nada a temer neste lugar
nada a fazer senão amar e ensinar
abrir o peito aos amores e viver essa busca incessante
sem fugir das armadilhas das pétalas da solidão

veias abertas

as minhas buscas ainda vão longe
sonhando demais
não sei aonde vou chegar assim
mas fica a certeza
um dia chegará alguém
que fará sentir
os perfumes da alma
por vários lugares andei
sempre na esperança de saber amar
não aprendi e nem ensinei
das paixões quase morri
amor é carinho
quem ama cuida
mesmo que sejam espinhos
um coração vazio
fica sangrando
com as veias abertas da solidão

encantos da vida

por um longo tempo eu me perguntei
sobre os meus pensamentos e o que imaginei
tinha dúvidas e sentimentos que me perseguiram
pois achava que uma amiga aos poucos perdia
numa mesa de bar começamos a conversar
percebi que as palavras machucavam
você começou a chorar
noite triste
mas ajudou a compreendermos o que queríamos
o tempo passou
logo voltamos a conversar
sorrímos
refletimos
contemplamos,
voltamos a nossa aldeia
uma guria sensível
que com pequenos gestos e palavras
faz-me perceber os encantos da vida

duas almas

de onde nasci
a mulher foi gerada primeiro
só depois é que nasci
sou fruto do verbo
amor
das entranhas de uma guerreira
sou fruto da unidade
de um macho
e uma fêmea
não sou a razão
sou pura emoção
do sentimento de duas almas

o surrealismo das folhas

as nervuras das folhas falam
mas que bobagem
elas não falam
apenas sensibilizam
um olhar poético
elas transmitem aroma da poesia
a poesia das folhas
signos de um olhar
não têm linguagem
não respeitam regras
idioma da natureza
as nervuras correm no caule
como um rio
sua seiva
é sangue nas artérias
tão espontânea
nem sabe como foi criada
sutil e bem elaborada
curvas bem elaboradas
são folhas
gestadas no cerrado
nascem das entranhas da terra
são paridas de forma impecável
revelam as belezas das folhas
tornar visíveis os pensamentos invisíveis
os seus traços revelam
a complexidade da vida
não podem ser simplesmente olhadas
precisam ser pensadas

devaneios poéticos

flores abertas

o tempo nunca apaga as lembranças
dos sentimentos vividos
dos amores roubados
o tempo sempre permitiu voos de reencontros
sempre adiciono beleza e vida
o meu jardim tem canteiros
com flores que atraem as borboletas
acanhadas e atrevidas
são flores abertas fáceis de cuidar
são hospedeiras para dar um lar para as larvas
possuem néctar para as borboletas se alimentarem.
por isso nos meus canteiros
as borboletas sempre voltam
as flores ficam abertas para permanecerem
elas só voam porque é da natureza das borboletas voar
mas o meu jardim não possui
nem cercas e nem portas
apenas flores abertas

fome voraz

rua deserta
nem um menino passa
há apenas sombras
daqueles que ali passaram
encostado num poste
havia um velho latão de lixo
que balança pra lá...
e pra cá...
no balanço do latão
fui ver o que balançava
dentro do latão
havia um pequeno voraz
entre os detritos
a pobre criatura
catava comida

fotógrafo da existência

hoje senti uma saudade da minha mãe
ela foi se embora antes da hora combinada
fico pensando: por que ela foi embora sem se despedir?
com a alma vazia, saí para fotografar
fotografei o silêncio
ficou registrado o vazio
fotografei uma nuvem
registrei o universo
preparei a máquina novamente
fotografei o perfume
ficou registrado o cheiro
fotografei o desejo
capturei a sombra de um corpo
preparei a máquina novamente
desta vez com uma lente cambiável 28 mm
esperei o pôr do sol do dia das mães
preparei a máquina
enquadrei
preparei a distância focal
fotografei
capturei a existência...
Saiu linda a morada da minha mãe

dois corpos

o ser humano é corpo e alma
todos os corpos são seres vivos
os corpos possuem mente
que percebe, raciocina e analisa
um corpo é formado de múltiplas partes
menores e simples
as composições dos menores formam os simples
os simples são quantificáveis e mensuráveis
os corpos possuem dimensões relacionais
de movimentos de repouso, rapidez e lentidão
o que diferencia uns indivíduos de outros
as unidades dos corpos conferem-lhes diversidades
mas os corpos não são iguais
nem na mesma família
os corpos possuem dimensões qualitativas
são partes da natureza formada por corpos simples
possuem potências infinitas que revelam a nossa existência
os corpos realizam uma infinidade de coisas
mas precisam ser alimentados
como suas partes são diferentes
os alimentos de cada parte terão de sê-lo também
mas que alimentos são necessários ao corpo
a alimentação de um encontro de dois corpos
onde um ingere o outro
quando dois corpos se encontram
pode haver ordem ou caos
se houve ordem: ocorrerá uma sensação que causa alegria
se houve caos: haverá uma sensação de raiva que causa a tristeza
corpos que nos convêm: nos levam a sentir o desejo do prazer
corpos que não nos convêm: levam-nos a sentir tristeza
alegria e tristeza são indicadores do corpo e da alma
se não encontramos corpos que não nos harmonizam
as janelas do conhecimento se fecham

amamos aquilo que nos causa alegria
por isso temos que procurar organizar encontros
e nos aproximar daquilo que produz alegria
odiamos aquilo que nos causa tristeza
por isso temos que nos afastar daquilo que nos deixa tristes.
o meu corpo cresce com a primeira hipótese,
diminui na segunda.
a vida é um risco contínuo...
há corpos que nos decompõem
e nos levam à morte da alma,
deixando-nos em estado de fossilização.
mas existem corpos
com os quais nos encontramos
que podem nos levar à ressurreição
de dois corpos

inquietações

não sei se sou razão ou emoção
há momentos que sou pura emoção
mas minhas inquietações são razão pura
minhas emoções são passageiras
levam-me a viver os instantes
e sempre me fazem perder a razão
quando perco a razão
o que responde as minhas inquietações
são as minhas emoções
se não me aquieto, não me renovo
minhas inquietações são constantes
são uma revolução permanente
entre a razão e a emoção

volúpia

o clarão que ilumina a calada da noite
explode sensações flamejantes
uma chama rasga
a solidão que cobre o teu corpo
o fogo inflama docemente
uma chama perfumada
que carecia sua timidez
a volúpia da chama
extravasa o teu querer
a noite em chama
intensifica o teu olhar
lânguido de desejo
a chama rompe teu pensamento
com fogo e paixão
a luz acende-te vagarosamente
o teu corpo desnuda
umedecido pela erupção da chama
o teu corpo estremece em ruídos
volúpia do prazer

coração vagabundo

um coração adormecido
pede para ser apagado
novamente riscado
das marcas do tempo
a tinta da caneta falha
a ponta do lápis quebra
as lágrimas despencam
querendo lhe perdoar
mas só resta a esperança
pra me consolar
fiz do ontem o hoje
e do hoje o amanhã
belas desculpas
para não nunca mais
um coração vagabundo amar

esquinas da vida

nas esquinas da vida
fiz de uma rua iluminada
uma rua escura
dos pedaços da noite
sombras das paixões
que não se apagaram
afetos de corpos
que marcaram
as esquinas desertas
das dores de amores
restaram palavras vazias
de um coração vazio
que não sabe amar

pule a janela

fotografar é como escrever um livro
quem não lê uma imagem
é como alguém que ficou distante da janela
só pode ver uma pequena parte da paisagem
mas se um dia fecharem-lhe as portas da vida
pule a janela

fotografia da alma

as minhas leituras
têm me despertado
para o lado poético da vida
os resultados
demonstram vocação
não consciente
nem intencional
escrever poesia é um bálsamo
apascentar a alma
alivia as dores do mundo
antes apascentava fotografando
sem máquina fotográfica
registro as imagens
que são produzidas
dentro de mim

lágrimas de amores

há dias que fico
pensando na vida
e não encontro ninguém
pra me consolar
quanto maior a distância
mais penso em ti
a mente pensante
vagueia pensando
em pensamento
não há estrada
apenas a distância
os olhos despencam
em lágrimas
meditando em ti
que nunca me amou

marcas do tempo

as marcas do tempo
quando não se está esperando
ruminam palavras mágicas
mas é tarde demais
para voltar atrás
é como um velho
carro quebrado
no meio de uma
longa estrada
leva-se tempo
para consertar
e numa fração
de segundo
você vê passar o tempo
e não tem mais ninguém
para te consolar

a estética do ser

a política

estava imaginado se a política fosse inspiração da beleza
somente os sonhos belos se transformariam em políticas públicas
somente aqueles que contemplam a beleza seriam candidatos
será que o mundo seria mais humano
e os políticos, menos mentirosos?
não sei
mas acredito que somente
aqueles que contemplam a beleza
são capazes de endurecer
sem nunca perder a ternura
a política é a arte da estética
mas somente os homens de bem
são capazes de praticá-la

o poeta desarmado

gosto desta história
de você demarcar
o seu território
guató não possui território
somente uma canoa barriguda
para navegar
no mar do esquecimento

a tristeza
de certos poetas
é uma tristeza alegre
é como a exuberante alegria
dos pássaros que cantam
no despertar das manhãs
é tão fácil ser poeta
o difícil ser um homem
de uma fêmea traída

ciúme poético

estou amando o seu ciúme
das minhas poesias
mas a minha musa inspiradora
continua sendo você
a poesia faz parte da minha alma
como o sabiá num pé de laranjeira
onde a alma e corpo
ficam em comunhão
você precisa compreender
que existem dois tipos de mentes poéticas
uma apta a inventar fábulas
outra, disposta a crer nelas

amor corrompido

odeio e amo
o amor existe no inferno
ele pode ser corrompido
pelo egoísmo
é uma espécie de antiamor
amamos!
quando fazemos
o bem
de outro ser o nosso
bem
há vários riscos
quando não é correspondido
pode criar ressentimentos
tanto o bom fruto
ocupa a vida de quem ama
torna-se uma obsessão
o amor não é algo seguro
nem mesmo o doméstico
pode tornar-se ódio
se corrompido
por aquilo que foi amado

sonhos acalentados

em plena ditadura de 64 nasci
numa família em que a pobreza me limitava
fiz-me um jovem cheio de sonhos
entre três irmãos que me governavam
na abertura democrática de 78
parti em busca dos sonhos acalentados
meu pai disse que se soubesse viver
em qualquer lugar viveria
ninguém estendeu a mão
muitos jogaram pedras
outros zombaram de mim
fui caminhando caminhando
pelos caminhos incertos da vida
sozinho e perdido: caminhei
devagarinho a vida foi ensinando
a me livrar das pedras jogadas
aos poucos fui tirando as pedras do caminho
mas nunca desisti dos meus sonhos
amadurecido, as pedras foram removidas
quebrei muitas arestas
plantei roseiras
colhi espinhos
na escola da vida nem todas as flores foram pétalas
as frágeis precisaram de cuidado
as bravas, guerras travaram
os sonhos acalentados enfrentaram
correntes
amarras
houve muitas resistências no jardim da vida
refúgio do meu nada.
unidade da minha segregação
movimento da escola da vida
pedagogia da indignação

voltei às origens
retornei às raízes ancestrais
reencontrei os sonhos acalentados

pedaços desgrudados de mim

Filhos foram muitos

Alguns nasceram bravos

Outros foram frágeis

Os frágeis precisaram de amparo,

Os bravos nasceram para a diversidade da vida ,

Cresceram sem precisar de mim

Filhos

Rebentos perdidos na vida

Pedaços desgrudados de mim

lamento rasgado

os raios do sol rasgam as nuvens no céu
a solidão da vida invade todo o meu ser
o sol vai se pondo numa penumbra
a noite vem vindo em silêncio
e se eu fosse o pôr do sol
posso não ser o pôr do sol
mas esses momentos são únicos
como o tempo é impreciso!
o pôr do sol me traz a calma
me leva a contemplar a luz divina
me dá paz na alma
aos poucos ele vai
nas lonjuras do universo
bem pra lá do fim do mundo
calado e calmo,
ouvindo em silêncio o meu lamento rasgado

louca paixão

amemos
quero de amor viver
amar sem sofrer
viver uma louca paixão
sem morrer de amor
viver sem medo de amar
sonhar sem dormir
amamentar de amor
transcender de esperança
quero viver d'esperança
gemer sem sentir dor
nas tuas tranças enrolar
quero sonhar sem dormir
uma louca paixão

ruídos

prolongamento da vida
que deixa marcas
dores
dos amores perdidos e achados
e revela afetos
das (in)confidências
dos amores e sombras
que ainda não foram partilhados...

melancolia

não canto porque o instante não existe
a minha vida ainda não está completa
não sou feliz, nem sou triste
não gosto das coisas fugidias
elas me incomodam.
não sinto gozo na hipocrisia
mas tormento
assim atravesso os dias
não desmorono e nem edifico
mas permaneço firme nos disfarces
um dia tudo isso acaba
com os motivos da minha melancolia

despertador

na minha aldeia
o meu despertador é um sabiá
ela canta e encanta num ipê-branco
gorjeia contemplando as manhãs
em oração gorjeia a liturgia das horas
minha aldeia tem mais amores
que não encontro por cá
confesso lá que tenho mais prazer
com o gorjear do sabiá
minha aldeia tem mais ipês
onde gorjeia o sabiá
minhas manhãs são mais alegres
no gorjear de um sabiá
peço a deus que eu não morra,
sem que veja a minha sabiá gorjear
sem que desfrute os amores
que tanto desejo no canto de uma sabiá

não há nada a dizer

a perda das pessoas que amamos
nos causa sofrimento
o sofrimento só é sofrimento
sem causa
sem propósito
sem motivo
não há nada que dizer quando perdemos
nada
fica apenas
sofrimento
dor
saudades
ausência
troçamos na experiência da perda
a experiência é uma professora brutal
mas aprendemos
a viver as ausências
pensava que se orasse
poderia amenizar a morte
mas para a morte ainda não há salvação
morremos
não creio no paraíso
mas gostaria de vê-los novamente
lemos para saber que não estamos sozinhos,
mas aprendemos que ‘amamos’
para saber que não estamos sozinhos
nada
não há nada que dizer na dor da ausência

o beijo da vitória

na trilha da vida
não corra
pra que pressa?
tem gente que não entende
que os apressados comem cru
e os últimos podem chegar primeiro
há dias que não adiante correr
temos dias de preguiça
as pernas ficam pesadas
e os braços pesam como chumbo
até a cabeça fica pesada
mas não se esqueça de uma coisa:
mesmo diante da preguiça
ou do cansaço
não há ninguém que corre infeliz
no meio do caminho
há muitas pedras
mas as pedras não têm vida
podem ser tiradas
se não tiramos
podemos tropeçar
na estrada do tropeço
podemos cair
corra, minha menina
ultrapasse os montes
com passos largos e firmes
no topo desta corrida
papai te espera para
o beijo da vitória

volúpia solidária

o clarão que ilumina a calada da noite
explode sensações flamejantes
que rasgam a solidão que cobre o teu corpo
a chuva que docemente cai inunda-te
em carícias perfumadas de timidez
a volúpia da solidão extravasa o teu querer
a noite em chama intensifica
o teu olhar lânguido de desejo
mas a brisa da chuva rompe teu pensamento
em temporais de amor
a neblina afaga-te vagarosamente
em danças que desnudam o teu corpo
umedecido pela erupção da noite
o teu corpo estremece em sussurros
volúpia solidária

paixões ecológicas

a estética de um pé de ipê

meu olho não é torto
primeiro vejo as flores
só depois que vejo a árvore
podemos olhar a vida por ângulos diferentes
é isso que nos faz descobrir a estética das coisas simples
quem olha para fora sonha
quem olha para dentro acorda.
o conhecimento não é resultado da explicação
mas ocorre quando despertamos o olhar
dois seres olharam para um pé de ipê
um viu a beleza estética das flores
o outro viu apenas uma árvore vegetando
a tolerância é resultado da transcendência do olhar
meu olho não é torto
não busco a certeza de nada
quero apenas revelar a beleza estética de um pé de ipê

paixão pelas flores

tenho paixão pelas flores
elas não me causam inspiração
com elas tenho excitação pela palavra
me deixam em estado de metamorfose
as flores engravidam-me de amor
deixam as minhas entranhas sensíveis
levam-me a fecundar de paixão
tiram-me do estado vegetativo
o desabrochar desta flor
levou tempo
você planejou me mostrar
veio num arrebento do sol
mas eu estava distante
muito distante
você sempre cuidou
como se fosse minha
mas a flor do rebento
foi sua
você cuidou
regou
adubou e
cultivou
provou que quem ama cuida
o problema é que nesta relação
sempre vegetei
silencioso
estático
preso num vaso de terra preta.
juro que cansei
deste estado vegetativo de planta
quero despertar deste estado
não aguento mais viver o silêncio
quero colocar para fora a fotossíntese

produzida durante esse tempo
o despertar da flor
deixou-me em estado de ânimo
não tenho métodos
mas tenho medos
agora quero mergulhar
no brilho deste negro olhar
que me toca por dentro.
quero ser a árvore seca
que te fascina sem folhas...
quero ser o pôr do sol
que te faz parar no meio do caminho
mas não quero + o estado vegetativo
a flor se abriu
é momento de acabarmos
com a inocência dos ramos
a vida é assim
às vezes levamos
tempo para nos tornar a pessoa que queremos ser...
o tempo é curto para compreendermos
as travessias da vida
por que perdemos tempo

uma caixa de brinquedo

crianças
correm
pulam
balançam na rede
adoram estórias
as crianças estão contidas nisso tudo
não gosto de ver as crianças tristes
sem escola
sem um teto para morar
criança é encantamento
leveza
alegria
bênção
sensibilidade
não se educa as crianças com
disciplina
força
punição
e castigo
as crianças são a representação de deus
são representações do mais puro amor
o universo é uma caixa de brinquedos

valores desmoronando

viver é um desafio permanente
a vida é cheia de altos e baixos
o presente não é fácil
o passado foi duro
mas deixou o seu legado
viver exige sabedoria
a condição masculina é dura
há limitações
nem sempre somos compreendidos
nasci nos tempos duros da ditadura (64)
não aceitei as contradições do ai-5
muitas lutas travei
sem jamais perder a ternura
ficaram as lições
delas me sirvo
aprendi a viver com a indiferença
hoje os velhos valores desmoronando

plenitude

em silêncio espero sua atitude
você age como se fosse criança
o nosso amor está perdendo a plenitude
só existem dois motivos para me preocupar com você
ou me ama muito
ou tenho algo que te interessa muito
reconheço que existem poderes
superiores no universo
eles são maiores que nossa existência

teias de aranhas

manhãs
horas matinais
horas vazias
silenciosas
orvalhadas
uma armação de fios de seda
extremamente finos
criados a partir de glândulas
produtoras de umas fibras
teias sedutoras de estado líquido
solidificam-se em contato com o ar
texturas que te impregnam
armadilha em forma de teias
apanham de surpresa
suas presas para devorar

tempo e desejo

o tempo desperta o desejo
do corpo
do cheiro
do beijo
do toque
que toca a alma
do corpo
seca o desejo
do corpo
do cheiro
do beijo

perdas e danos

o amor exigente
torna-se escravidão
que corrompe
faz exigências soberanas
absolutas
torna-se utilização
dos impulsos
o que era necessidade
torna-se fome de amor
que os afetos não saciam
a satisfação é impossível
onde um ganha
o outro perde...

homem de fases

tenho fases como a lua
fases de viver sozinho
fases de viver cada momento
fases de ficar sozinho
fases de querer você
só para mim na lua cheia
fases de querer levar você pra cama
numa noite de eclipse lunar
E uiva como lobo feroz
fases de querer fazer amor de onça
numa noite chuvosa no cerrado
fases de querer ser só teu na floresta amazônica
para praticamos xamanismo da queda do céu
tenho fases de ir para rua e noite de lua cheia
e gritar o teu nome em plena floresta amazônica

o beijo do sonho

o beijo molhado da chuva
glória de um desejo
em cima do firmamento
sabor suave da chuva
desejo aguçado
sangue fervendo
encheu os pensamentos
beijo ganhado no sonho
meu prêmio
meu castigo
não foi real
foi surreal
extrema-unção
doce desejo
da carne
inspiração da alma poética
um instante sagrado
depois do trabalho
nas margens do rio
beijo divino
desejo delirante
manifestação de um sonho

um coração vazio

uma cama, o espelho e um coração
tudo fica vazio no outono da alma
um coração vazio deixa de amar
de idealizar sonhos sonhados
não quer mais ouvir a voz do coração
poemas apaixonados
não se direcionam a nenhum lado
é preciso compreender as diversidades
um coração vazio
solitário
mas forte
tudo depende da alma
das escolhas
dos caminhos percorridos
uma cama
o espelho e um coração
tudo fica vazio no outono
árvores derrubam as folhas secas
um coração vazio
vive em intensidade
a beleza da alma destituída de ternura
mesmo vazia
possui a tranquilidade
que só a maturidade permite

poemas pedagógicos

pelos caminhos drummondianos

designado para ir a itabira como chapa-branca
conheci o museu território dos caminhos drummondianos
uma porta aberta da relação de drummond com itabira
no meio do caminho tinha muitas pedras
muitas pedras tinha no meio do caminho
caminhos de muitas ladeiras
de morros inclinados
entre as minas de ferro e aço
encontrei velhos casarões
com mulheres de panturrilhas grossas
e homens negros que determinam a alma do lugar
havia casas que espiam os homens
que não correm mais atrás de mulheres
a tarde era verde de céu azul
havia desejos de conhecer a alma drummondiana
florentino foi o guia
cheio de conhecimentos históricos
scarpa delirava com as informações
nós contemplávamos a poética do lugar
pelos caminhos drummondianos
mulheres mineiras passam cheias de pernas:
pernas brancas pretas amarelas
pernas de panturrilhas grossas.
meus olhos
registravam
formas
percepções
de um olhar etnográfico
com o sentimento drummondiano no coração
não vi o maior trem do mundo
que leva a terra do coração de drummond
para a alemanha canadá japão
mas vi a vale desembestada

levando o tempo infância vida
de um coração itabirano
a câmara municipal
onde se fazem leis
onde se fazem tramas
onde se fazem discursos
onde se fazem leis que cobram impostos
não cobrou nada
daqueles que levaram um coração itabirano
somente agora que compreendi
por que aquele
que viveu em itabira
nasceu em itabira
era triste
tinha um orgulho de ferro
noventa por cento de ferro nas calçadas
oitenta por cento de ferro nas almas
a cidade ficou com sobrados sem linguagem
de pensamentos descarnados
de massa deslizante de alienados
de isentas raízes
passei por itabira
juízo de coração
que nunca me esquecerei
que no meio do caminho
tinha uma pedra...
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra
no pico do amor tinha corujas vigilantes
para mostrar 'uai' que alma itabira
vale mais que a vale...

vozes antigas

casa do tempo perdido
coberta de solidão
onde não mora ninguém
cheia de vozes e ruídos
com certeza aí muitos moraram
uns já se foram
outros não vieram
longa tradição de família
sussurro
gorjeio
mas ninguém escuta
no tempo perdido chamo
toc toc toc
o eco devolve o chamado
tornou-se um casarão abandonado
o tempo encontra a casa perdida
vazia
condenada
não há nenhuma existência
a casa está morta
mas ainda com alma
ela escuta, mas não responde
há uma cidade dentro dela
um eterno desentendido
de tempo e espaço
são sonhos
ela pode acordar
e descobrir que não está morta
é uma hipótese do meu delírio
essa casa seduz
o olhar
sua fachada mexe com as minhas entranhas
o seu reboco seduz-me

a varanda desperta
as marcas do tempo
pela janela fogem as almas da cumeeira
nossa, uma goteira sangrando
ela ainda acredita na vida
as gotas brilham no chão
deixando um ar de firmamento
uma casa é feita assim
vozes antigas
ruídos
prolongamento da vida
que deixa marcas
dores
dos amores perdidos e achados
e revela afetos
das (in)confidências
dos amores e sombras
que ainda não foram partilhados

casulos infelizes não produzem borboletas

revelam os sábios
que amor entre amigos não é uma coisa tão fácil
entre amigos todas as coisas são comuns
na amizade nos tornamos múltiplos
as coisas comunicam naturalmente eu e tu
entre amigos
admiramos as qualidades e os defeitos
as paixões da pessoa amada entram na pessoa amante
o amor de uma é comunicado à outra
os erros e insultos são corrigidos com desejos
entre amigos
amamos sem limites e pretensões
não vemos o que somos
mas reconhecemos a beleza estética
nos desejos visíveis e invisíveis
a amizade entre amigos é carregada de
demonstração de desprendimento
partilha de necessidades
cuidado com os desejos adormecidos
reciprocidade com os desejos acalentados
amizade entre amigos é uma lareira em chamas
que nos aquece quando nos sentimos:
sozinhos
carentes
frios da falta de afeto,
desejo pelas coisas desconhecidas
entre amigos
expressamos pensamentos sem nos magoar
calamos o coração para ouvir o outro
preenchemos os vazios sem medo de afetividade
entre amigos
todos os desejos são possíveis
as esperanças são alimentadas

com atitudes silenciosas de hospitalidade
entre amigos
o silêncio causa sociabilidade
a distância causa saudade

lagartas infelizes não produzem borboletas

entre amigos
temos o prazer de ver o pôr do sol
sem sentir medo da noite escura que vem vindo
entre amigos
contemplamos o orvalho da manhã
pelo simples prazer de presenciar as estéticas das ciências naturais
entre amigos
há dois corações apaixonados
que se encontram pela manhã com saudade
que celebram o milagre da vida orando um pelo outro
entre amigos há
humildade nas atitudes
generosidade nas virtudes
fraternidade com plenitude
solidariedade com solicitude
unidade entre o amante e a amada
entre amigos
uma coisa é certa:
lagartas felizes não fazem casulo
porque não sentem a necessidade de criatividade
e o ato de criatividade
seja na ciência ou na arte
surge sempre de uma grande paixão
entre amigos
não é preciso que seja paixão pelo possível
pode ser pelo impossível também
entre amigos
a paixão aparece como uma sensibilidade
que gera na alma uma coisa gostosa
chamada curiosidade.
agora se a nossa amizade é construída
com as partes que não nos pertencem
estamos jogando pérolas às borboletas

lagartas infelizes não produzem borboletas

folhas secas

hoje fui levado a meditar por que as folhas secas caem de uma árvore
compreendi um pouco mais do sentido da vida
descobri que as árvores passam por repousos
condição necessária para seu ciclo de vida
algumas árvores transcendem em beleza
outras passam pelos matizes das cores melancólicas
há aquelas que se desnudam em tristeza
as folhas secas que caem
abrem os braços ao outono
mas sabem esperar pacientemente
o esplendor da primavera
para viver a beleza das flores
assim somos nós
nos perdemos em lágrimas
com a dor de uma saudade
vivemos dias áridos
outros secos
mas há aqueles que provocam frio na alma
quando não há esperança
não vivemos a primavera
ficamos desprotegidos
como as folhas secas caídas de uma árvore
quaisquer ventos nos levam
carregados pelos ventos
de nada serviram as flores
as pétalas desabrocharam no chão
como as folhas de outono caídas
deixo-te a minha saudade
um pedaço de mim
uma outra metade de mim
e a certeza que tudo na vida é vaidade
sempre haverá folhas secas caídas ao chão
mas com o tempo

novas folhas nascerão
e haverá a volta ao começo
árvores não sabem fugir
são obrigadas a enfrentar todos os ventos
enraizadas, não afrontam as intempéries
mas sabem se adaptar para não serem destroçadas
nós, para sobreviver, temos que ser intensos
desenvolver várias habilidades
viver a docilidade das brisas
saber se inclinar diante da diversidade
viver a sabedoria das árvores
se essas virtudes nos faltarem
o medo invadirá nossos galhos
as vaidades nos derrubarão
como as folhas secas jogadas ao chão

a revolução dos vinte centavos

ir às ruas faz bem à cidadania adormecida
exercita as veias que foram entupidas
quando não tínhamos medo de ser feliz
o povo nas ruas
devolve a esperança
que move os nossos desejos
e sonho acalentado de democracia operária
ir às ruas sem medo de
repressão militar
faz bem à alma
incita à cidadania
nos leva a rever velhos conceitos
ir às ruas nos lembra
que a luta continua, companheiro,
e rejuvenesce os velhos desejos de mudanças
cartazes, faixas e palavras de ordem
fazem sacudir os preconceitos ideológicos
de que o povo brasileiro é acomodado
o povo nas ruas promove,
revela uma beleza estética
que rejuvenesce o nosso desejo
adormecido da esperança surreal
o povo nas ruas
mostra que o facebook é apenas um instrumento
de mobilização
se engana quem pensa que é alienação
da cultural digital
o povo nas ruas mostra
o carácter pedagógico dos 20 centavos
que os 20 centavos vão além
da teoria da curvatura da vara
o movimento pedagógico dos 20 centavos
tem uma beleza plástica plural

que mobiliza
e tira as pessoas de dentro de casa
como brava gente brasileira.
o movimento pedagógico dos 20 centavos
revela os frêmitos dos corpos e mentes;
nos mostra o horizonte de uma sociopoética
de mobilizações singulares e plurais
o movimento pedagógico dos 20 centavos
pode ser compreendido
como a centelha
que faz explodir o paiol da ‘pedagogia da indignação’
contra a educação que não forma
e nem qualifica o miserável
a pedagogia da indignação
do movimento pedagógico dos 20 centavos
revela a insatisfação com a saúde que não cura
da justiça sem moral: que julga sem punição
a pedagogia da indignação
tem uma didática magna que
não aceita mais a violência cotidiana
que nos deixa vítimas da falta de estado
a pedagogia da indignação
mostra que as manifestações das ruas são pra mostrar
que vivemos um estado de
exclusão do povo no governo
onde as políticas públicas são apenas para enganar
as minorias confidentes e subservientes
a pedagogia da indignação
revela que as manifestações das ruas são pra mostrar
a forma com que a classe proprietária-governante
trata os serviços e as obras públicas
com licitações comandadas por empresários
e funcionários públicos escalados em comissões de licitação
herméticas,
arrogantes e
viciadas

a pedagogia da indignação
revela que as manifestações das ruas são pra mostrar
que a copa de 2014 patrocinada com recursos públicos
nos mostra que é possível ter
educação e saúde do estado mínimo com o padrão fifa das grandes arenas
de futebol

a pedagogia da indignação
mostra que o movimento pedagógico
da revolução dos 20 centavos
é uma forma de deboche da brava gente brasileira
que não aceita a fifa
como agência de negócios privados
com aporte de recursos
dos impostos do povo brasileiro

saco de ilusões

meu saco de ilusões anda cheio
das ilusões perdidas
não há alívio
os desejos inquietos não passam
vivo a doida aventura da espera
coisas do coração
as minhas utopias
não são coisas inatingíveis
para não querê-las
os caminhos são
tristes e alegres
a experiência não serve a gente
no meu saco de ilusões
o milagre não dá vida ao corpo
não muda água pura em vinho
mas acredito em milagre

sonho acalentado

quero que saibas:
como criança tinha o desejo de pintar
a lua de verde só para você...
imaginava que a borboleta azul que encontramos na
floresta era o símbolo do nosso amor.
esses símbolos me levaram a criar
fantasias e desejos mitológicos.
que alimentava com fé e esperança.
porque aprendi que quem experimentou a esperança
jamais se esquece dos sonhos utópicos.
a lua que vimos na sexta-feira entre os galhos da árvore
não consigo mais tocar... ela se foi pela manhã.
mas o corpo retorcido da lenha da árvore
não me leva mais a ti...
lua borboleta e casulo
aromas cheiros e afagos
levavam-me em direção às tuas ilhas
alimentei-me de esperança
acreditando que teria pelo menos uma chance
mas me foi negado o direito à esperança
com a esperança adormecida
não quero mais pintar a lua verde
e a borboleta azul virou metáfora
pouco a pouco os meus sonhos serão diluídos
porque nada dura para sempre
se de repente não me esqueceres
não me procure mais
porque fui um rio que passou em sua vida
se considerar
violento e
louco o que passa em meu coração
compreenda que são sintomas
das marcas que deixaste no meu coração

lembra-te
que neste dia
no momento em que a lua recolhia-se
estava ainda na cama sofrendo as dores de um
sonho acalentado

meu velho

na vida tive uma centena de mestres
alguns me ensinaram valores importantes
que guardo do lado esquerdo do peito
mas me abandonaram sem se despedir
outros me ensinaram que a vida é bela
mas há muitas pedras no caminho
isso me faz recordar o meu pai
pensar no filho que fui
para imaginar o pai que devo ser
meu pai foi-se embora
sem despedidas
sinto saudades
mas deixou o legado
que a paciência é a arte de acreditar
que os momentos vividos
foram de aprendizado

a triste partida

hoje recebi um telefonema anunciando a triste partida de manoel de barros aos 97 anos de idade. com ele aprendi que é mais fácil fazer da tolice um regalo do que da sensatez; que há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira; que podemos usar as palavras para compor nossos silêncios.

manoel tinha no rosto um sonho de ave extraviada.

falava em língua de ave e de criança.

sentia mais prazer de brincar com as palavras
do que de pensar com elas.

dispensava pensar.

adorava as coisas inúteis.

para ele fomos originados das árvores

vivia floreando

gostava de fazer floreios com as palavras,
e não ideias.

para ele as palavras tinham que chegar ao grau de brinquedos
e para sermos sérios tínhamos que sorrir.

um dia me contou que rã saltara sobre uma frase sua,
mas a frase não arriou.

porque não tinha palavra podre nela.

para ele as frases são letras sonhadas,
não têm peso,

nem consistência de corda para aguentar uma rã
em cima delas.

manoel era assim

possui uma língua de raiz

era a língua de faz-de-conta

gostava de brincar com as palavras

para mim vai ser eternamente o menino

que tinha no rosto um sonho de ave extraviada.

tinha uma alma infantil de criança

que jogava pedrinhas no bom senso

manoelito não morreu

se internou na própria casca
do mesmo jeito que um jabuti se interna...

mulher amazônica

entre sonhos e realidades
paquero esse lindo corpo de mulher amazônica
que o brilho do meu olhar desnuda
a estética da tua beleza feminina
transfigura todo o meu ser
nos recônditos de mim
o teu corpo me falta
esse teu jeito de mulher amazônica
deixa os meus desejos transfigurados
fico com boca ávida e sedenta
a tua essência me falta
para matar esses desejos
que alucinam a minha alma
oro com a fúria dos desejos acalentados
que testemunham a musa inspiradora

apocalipse

o agente covid-19
varre o planeta terra
tosse
febre
coriza
dor de garganta
dificuldade de respiração
humanoides
vivendo encurralados
refugiados
nos próprios territórios
o mundo não pode parar
mas parou...
quarentena
isolamento resiliente
antes eram
indígenas
quilombolas
povos amazônicos
ameaçados de rupturas
involuntários
da pátria
com corpos retornando
ao estado original
tragédias
corpos incinerados
da humanidade perdida
povos do mundo desnaturalizados
no brasil
bolsominions
exército da necropolítica
propagadores da morte
fenômeno que foge à regra

política da desrazão humana
mentalidade doentia

Índice

PREFÁCIO 5

apresentação 17

a metamorfose da borboleta 19

mente quem diz que a lua é bela 21

as margens do rio 22

metamorfose 23

devaneios 24

a fuga 26

apócrifas 27

borboletas de sagarana 28

ecológicas 29

noturnas 30

semântica das borboletas 31

a singular tulipa amarela 32

céu em chamas 35

entre a terra e o céu 37

epifania 38

vazio de nuvens 40

chamas do coração 41

o arco-íris 42

luz neon 43

o vazio de nuvens 44

amores invisíveis 45

parte que não lhe pertence 47

faça poema de amor 49

vazio de amores 50

abandono 52

amor invertido 53

segredo 54

inúteis valores 55

hermenêutica poética 57

a existência do nada 59

amanhã a deus pertence 61

comunhão com o verbo 63
palavras 65
poética da alma 66
arrependimento 67
a comunhão da vida 68
a esperança verde 69
epifania do tuiuiú 70
a cultura do encontro 72
o prazer e o signo 74
o silêncio de deus 75
o sonho do mundo 77
o vazio do silêncio 78
leveza espiritual 79
estética do belo 80
perfil rizomático 82
a voz da esperança 83
amor e ódio 84
o inferno 85
possibilidades 86
o axioma do inferno 87
ilusões da alma 89
a parte no todo 91
o verbo e o signo 93
a alma do lugar 94
dia triste 95
lobo em silêncio 97
a dialética da separação 98
a velha opinião 99
animalizo-me 100
antropofagia acadêmica 101
amores ecológicos 103
sentimento de posse 105
o gorjear do silêncio 106
aprendendo a ser só 108
clamor 109
pétalas da solidão 110

veias abertas 111
encantos da vida 112
duas almas 113
o surrealismo das folhas 114
devaneios poéticos 117
flores abertas 119
fome voraz 120
fotógrafo da existência 121
dois corpos 123
inquietações 125
volúpia 126
coração vagabundo 127
esquinas da vida 128
pule a janela 129
fotografia da alma 130
lágrimas de amores 131
marcas do tempo 132
a estética do ser 133
a política 135
o poeta desarmado 136
ciúme poético 137
amor corrompido 138
sonhos acalentados 139
pedaços desgrudados de mim 141
lamento rasgado 142
louca paixão 143
ruídos 144
melancolia 145
despertador 146
não há nada a dizer 147
o beijo da vitória 149
volúpia solidária 151
paixões ecológicas 153
a estética de um pé de ipê 155
paixão pelas flores 156
uma caixa de brinquedo 159

valores desmoronando 160
plenitude 161
teias de aranhas 162
tempo e desejo 163
perdas e danos 164
homem de fases 165
o beijo do sonho 166
um coração vazio 167
poemas pedagógicos 169
pelos caminhos drummondianos 171
vozes antigas 174
casulos infelizes não produzem borboletas 176
lagartas infelizes não produzem borboletas 178
folhas secas 180
a revolução dos vinte centavos 182
saco de ilusões 185
sonho acalentado 186
meu velho 188
a triste partida 189
mulher amazônica 191
apocalipse 192

